Sentir vergonha

Tenho voz distinta e audível, reconhecível facilmente ao telefone, por exemplo. Mas não sei cantar, por falta de ouvido – problema de família. Que me lembre, apenas duas vezes na vida embarguei a voz. Quando da minha primeira apresentação como sociólogo profissional, frente aos meus colegas, e esta semana quando falei de [Carlos Gouveia](http://home.iscte-iul.pt/~apad/ACED_juristas/carlos%20gouveia.html) e da minha impotência em corresponder ao pedido que me lançou de o acolher à saída da prisão.

Assisti, na internet, a Thomas Scheff, um psico-sociólogo das emoções, a emocionar-se durante uma palestra quanto falava da vergonha que sentia pelo facto de ser impossível para ele assumir perante o seu pai que era um pacifista e se recusava a ir fazer a guerra. Perguntei-me se aquilo seria uma fragilidade, de alguém que confessou ter recorrido a ajuda psiquiátrica, ou um golpe publicitário para juntar na mesma frase a expressão da emoção e o discurso sobre a emoção. Nunca imaginei sentir o mesmo, ao falar de um desconhecido que, porém, me ensinou o dado empírico mais importante sobre o que são as prisões: quase todos, disse, são como ele. Crianças abandonadas pelas famílias que são usadas pelas organizações religiosas, estatais, sociais, como forma de rendimento, e quando deixam de ser crianças são abandonadas à sua sorte. Para maiores de 16 anos, diz a lei, a lei criminal já funciona. Noutros países é mais cedo.

Enquanto crianças, podem ser traficadas, adoptadas, usadas para trabalhar ou para fins sexuais, abusadas pela indústria do sexo, acusadas de serem pré-delinquentes, apresentadas às policiais em caso de haver algum crime por resolver e ser preciso encontrar quem o cometeu. Alguns rapazes vão parar às cadeias e circulam por lá. Há quem, como [Ferreira de Jesus](http://home.iscte-iul.pt/~apad/ACED/images/ArtigoFerreira.pdf), tenha morrido com 70 anos, depois de ter vivido 50 anos preso, em Portugal, onde não há prisão perpétua. Às raparigas acontece menos irem para a prisão (cerca de 5% dos presos são mulheres). Como vivem os presos à saída das prisões e todas as outras pessoas que foram abandonadas e abusadas durante a infância? Com vergonha do que viveram, eventualmente esquecendo-se activamente de largas partes das suas vidas, assumindo sós, como recalcamento, eventualmente com ajuda de psicotrópicos (Portugal é dos países que mais consome este tipo de produtos).

A emoção de vergonha que me embargou a voz é um impedimento biológico que faz com que as prisões sejam tabu e alvos de estigma e sentimentos de vingança. Quiçá, sentimentos provocados por emoções que guardam recalcamentos profundos a que vidas como as descritas obrigam, para aumentar as possibilidades de sobrevivência. As sociedades, como os seus abusados e abusadas à frente, como mostra a comunicação social popular, os tabloides, entram em histeria contra o crime (e os estrangeiros, e as mulheres sem protecção masculina, etc.) como forma de evitar sentir a vergonha consciente dos maus tratos sistemáticos e crónicos às crianças.